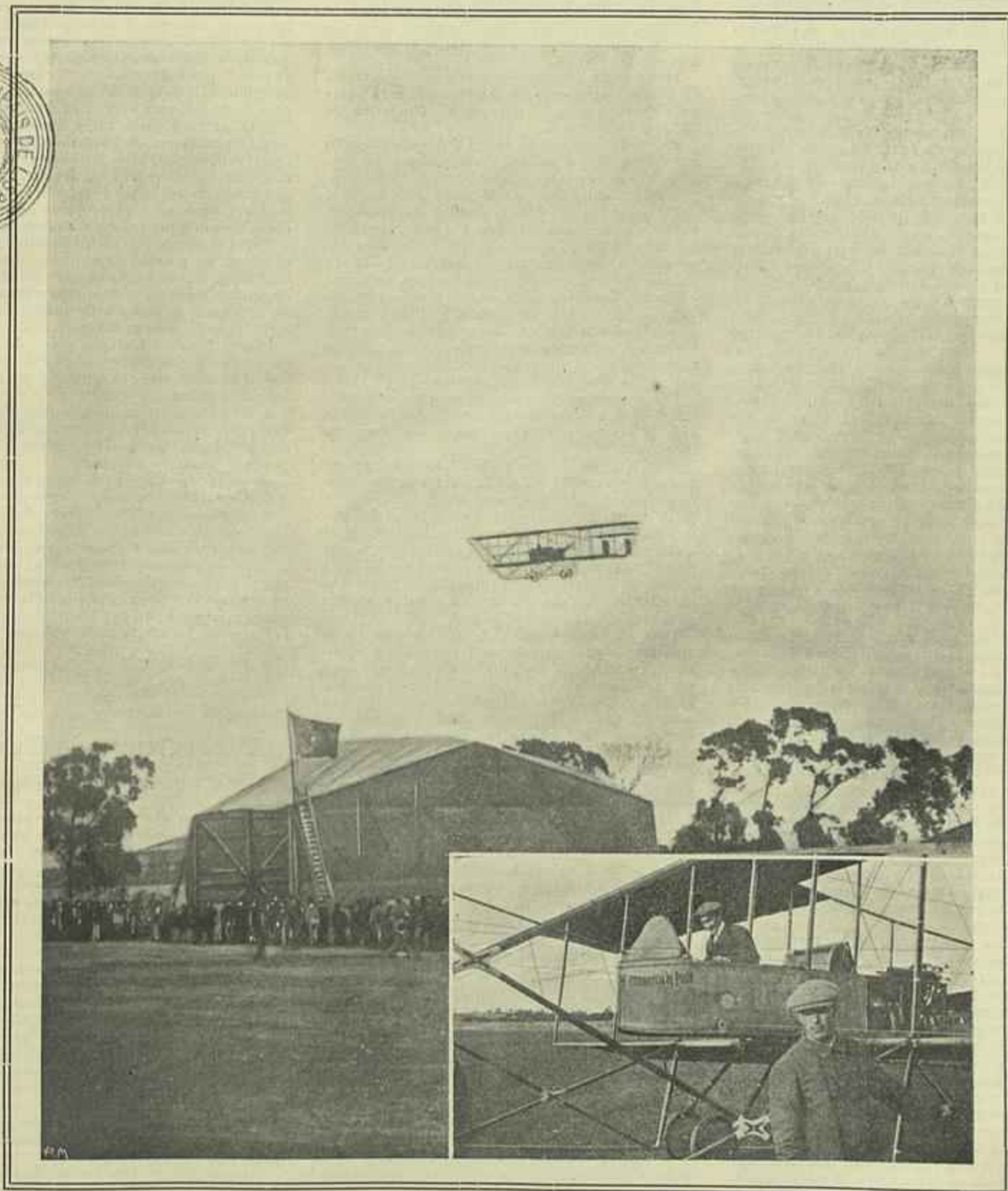


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1215	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte m. forte...)	3\$800	1\$900	650	120	30 de Setembro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		



O aviador Trescartes e o montador Bouvier preparando o vôo

PRIMEIRA ASCENÇÃO DE UM AEROPLANO EM PORTUGAL. — O BIPLANO «FARMAN MAURICE», DA «CRECHE DO COMERCIO DO PORTO» NA SUA ASCENÇÃO NO HIPODROMO DE BELEM, EM 27 DESTE MEZ

(Veja Cronica Occidental)

CRONICA OCCIDENTAL

Estamos em vespéras do segundo aniversário da Republica e já as sociedades populares, democráticas, tendo á sua frente o grupo Pró-Patria, formulam programas de festas e convidam o povo a formar o seu cortejo civico, numero obrigado destas manifestações, que sem ele perdem o melhor do espectáculo.

Pouco importa que alguns portugueses jazam nas prisões espiando delictos a que a sua má sorte os levou, como poderia ter feito d'elles uns heroes.

Tenho que a melhor festa seria aquella em que todos os portugueses fraternissem, numa aspiração de melhor futuro, já que o passado não merece o mais leve sacrificio que por elle se faça.

Tudo devia conduzir a este *desideratum*, o esquecimento de agravos, o espirito de vinganças, os odios irreconciliaveis, tudo se devia banir, e uma ampla amnistia viria sarar as feridas que ainda gotejam e estancar as lagrimas que muitos olhos derramam.

Sobre o passado, passe-se uma esponja, que não deixe saudades. De ha muito ele vinha enevoando-se quando não cobrindo se de carregadas tintas. E agora me occorre recordar o que ha dois anos se passou no Bussaco em vespéras de rebentar a grande revolução que depoz a monarchia e proclamou a Republica. Foi a ultima festa da realêsa.

Era dia solemne, em que se comemorava o primeiro centenario da celebre batalha do Bussaco, que deu vitoria ás armas portuguezas e infligiu a maior derrota que Massena sofreu, o *Anjo das Victorias*, como era denominado.

Conhecer o teatro da grande batalha como admirar a decantada serra, que poetas e prosadores tem descrito com a mais viva inspiração das suas musas e as melhores flores da sua retórica, era meu desejo fortemente instigado por quanto pôde maravilhar a nossa curiosidade ao experimentar impressões novas.

Em realidade essas impressões tocaram me porque as descrições que lêra e ouvira do Bussaco eram apenas um reflexo do que meus olhos viam agora, se é que elles podiam abranger toda aquella magestosa natureza que se lhes patenteava, com o seu singular aspéto rude e ao mesmo tempo encantador.

O que a grande artista natural poderá produzir na sua poesia inspiradora, ali se concentrava naquelles kilometros de serra, quer subindo ás suas eminentes alturas, donde se descobrem horizontes sem limite, que vão perder-se no Oceano que as franja com as alvas espumas das suas aguas ao longo das praias, quer nos embrenhemos na mata, onde o sol não passa atravez do arvoredo secular que a fecha numa abobada de densa ramaria, como a de alterosas naves de uma catedral.

Era dia de festa e ali acudiram talvez mais de cem mil pessoas de dezenas de leguas em redór, entretanto para a grandeza do lugar esta multidão quasi passava sem se notar espalhada por toda a serra e pela mata, em ranchos e grupelhos, que se repastavam com seus farneis e aqui ou acolá dançavam ao som de harmoniuns e cantigas das suas terras.

Outros, mais curiosos, acorriam á beira dos caminhos para verem passar as tropas que vinham assistir á missa campal, lá no alto da Serra, onde o ultimo rei de Portugal comparecia com seu luzido Estado Maior.

O ultimo rei de Portugal! E quem o previria naquele momento!

Mas ha presentimentos fataes para o fino observador que não perde o mais insignificante ou passageiro prenuncio.

Quantas das pessoas que ali se encontravam não teriam vagos presentimentos do que estava para acontecer?!

Havia certa frieza no povo, que não se compadecia com os costumes e menos com o alvoroço que a presença do rei despertava.

Quando D. Manuel descia do alto da serra, acompanhado dos seus officiaes generaes, em vistosa cavalgada, pelos coleantes caminhos pedregosos até á plataforma onde se ergue o monumento comemorativo da batalha do Bussaco, nem um viva o povo soltou e antes com certo ar estranho assistia á festa militar.

D. Manuel vinha visivelmente mal impressionado, o que bem se denunciava na sua expressão triste, afatigada, pallido. Nem as musicas, tocando o hino ao som do qual marchavam os contingentes em continencia ao monumento e ao rei, o alegravam, como ao povo lhes não despertavam o entusiasmo proprio destes actos.

Para cumulo de presagio, no pavilhão que fôra armado na plataforma e onde D. Manuel devia receber os cumprimentos officiaes e a continencia militar, o vento esfarrapára o paninho azul e branco de que era forrado, e do alto das traves esses farrapos fluctuavam nos ares por onde o vento sibilava gargalhando desrespeitosamente.

Ningem entrou no pavilhão e o rei com o seu estado, dando a direita ao duque de Welington, assistiu dos degraus áquele acto militar.

Passava então, em continencia, o pelotão historico, composto de soldados com os fardamentos do tempo da guerra peninsular, que se o fossem não se apresentariam com barretinas e patronas de papelão tão mal feitas, que não conseguiam iludir uma creança.

Mas estava escrito que a festa era a fingir, principiando por umas bandeirinhas de paninho, espetadas nuns pausinhos em volta do monumento, enfeitados com uns escudosos á côla, de uma pobreza franciscana, pobreza sobretudo de espirito, ermo de coerencia e de estetica.

Nesta sensoria decorreu a festa que, porventura, o melhor que teve foi o banquete, com que terminou.

O sol ia descendo rapido para o horizonte e na mata, agora mais boçosa de gente que a ella acudia, a luz era já crepuscular, mal passando atravez da ramaria.

Preparavam-se fogos de arteificio, dispunham-se as iluminações minhotas e formavam-se rodas de danças, animadas por alguns tocadores de violas e harmoniuns.

Em roda do Grande Hotel é que a animação era maior, e ali o povo se divertia com mais vontade, como em festa sua a que dava toda a espansão da alma que não dera aos actos officiaes.

De notar era isto para o espirito observador e, enquanto meditava no caso, fui procurando alguma refeição no Grande Hotel, cujas salas iluminadas a luz eléctrica, mais pareciam as de um palacio encantado de contos orientaes, pela arte e riqueza das decorações, onde tanto se admiravam as esculpturas de nossos melhores esculptores, como as pinturas dos nossos mestres.

Como surgiu ali aquele monumento de arte, no meio daquela mata erma e fechada, rompendo a custo para cima dos robles seculares?!

Foi um capricho, uma fantasia muito portugueza que, ou não faz nada, ou dispende milhares de contos para fazer obras monumentaes como esta.

Não tem duvida que a obra é monumental no seu aspéto exterior, de estilo *manuelino*, se assim o querem, e no interior, onde não ha paredes, se pôde dizer, que não sejam custosamente decoradas de pinturas e esculpturas de valôr, desde os quadros historicos até ás alegorias, como no salão de musica e de dança, no de recepções e na grande sala de jantar, profusamente decorada de relevos, quadros, até aos vitraes das grandes janelas goticas.

Esta suntuosa e quasi fantastica construção contrasta singularmente com o primitivo e humilde conventinho que lhe fica proximo, com a sua modesta frontaria forrada de embrexados, as denegridas cantarias aparelhadas a picão e as suas exiguas celas e corredorsinhos forrados de cortiça em bruto, para preservar da humidade do lugar. Os quadros que ornem algumas de suas paredes, são pinturas sombrias que aterram o espirito, como a que representa um condemnado entre as chamas do inferno e um enchame de vitorias, ou a de dois alquebrados frades, pallidos, cadavericos, minados de penitencias.

Era assim o Bussaco, um retiro de penitencia convidando á vida contemplativa. Foi um dia despertado do seu silencio pelo troar dos canhões. Ha um seculo quando a terra portugueza estremeceu sob os pés do invasor, e o povo, num arcano supremo, a libertava do jugo estrangeiro.

O Bussaco ficou desde então lugar sagrado. Os seus robles são testemunhas do grande feito; são arvores tambem sagradas que os tempos têm respeitado e que os portuguezes não devem destruir.

Ao completar-se aquêl seculo, os canhões voltaram a troar, numa recordação gloriosa para esta patria livre, que um dia o estrangeiro tinha ocupado.

Quem diria, naquele momento, que esta patria estava nas vespéras de se libertar tambem de um regimen que a deprimia?

A realêsa decabia a olhos vistos, que nem já todo o aparato official de que se rodeava, conseguia conservar-lhe o prestigio.

A desconfiança, a indiferença publicas suplantara toda a esperança.

Quando regresssei a Lisboa no comboio, a trasbordar de passageiros, comentava-se tristemente

a festa a que todos haviam assistido, e alguns, na linguagem pitoresca e concisa do povo, resumiam:

— Isto está a *desabar*.

Mas outro assunto chega agora á cronica, quando os compositores reclamam o original como as creanças o *Virol* e, se como este não é um reconstituente das organizações debeis, foi com certeza um alegrão para as almas que andavam tristes por não verem pairar nos ares um aeroplano dos seus sonhos.

E assim se despovoou meia Lisboa para acudir em pezo ás antigas terras do Desembargador, por onde hoje se estende o Hipodromo de Belem, e ali sentiu pela vez primeira a sensação nova de ver voar nas alturas um biplano, o *Farman Maurice* da *Creche do Comercio do Porto*, pilotado pelo aviador mr. Trescartes, que já agora ficará celebre em Portugal, por ser o primeiro que permitiu a este povo o presenciar o maravilhoso espectáculo.

Já no Porto tinha entusiasmado as multidões, quando muito airoosamente ali subiu e pairou nos ares por cima do velho burgo, baluarte das liberdades. Vindo a Lisboa, não obstante ser de vagon em vez de nas proprias azas, a recepção não foi menos calorosa, e todos poderam ver milhares de bôcas abertas em espontaneo pasmo, quando o *Farman Maurice*, muito serenamente se elevou por espaço de 7 minutos, que mais não permitiu a irreverencia do vento, pouco cortex com quem lhe quer invadir os domínios.

Esta ascensãozinha foi o bastante para que daqueles milhares de bôcas hiantes se soltassem vivas aclamações, não sendo possivel conter a multidão que se precipitou para o campo do Hipodromo, na ancia de vitoriar o aviador e, porventura, tocar com as proprias mãos a maravilhosa maquina motivo da sua admiração.

Mr. Trescartes foi muito felicitado pelos srs. ministros da guerra, da marinha, das colonias e das finanças; os srs. ministros de França e da Argentina tambem o cumprimentaram. A banda de infantaria 2, tocou a *Portuguesa* e a *Marseilhêsa* e ouviram-se ruidosos vivas da multidão.

Estava feita em Lisboa a prova do belo biplano da *Creche do Comercio do Porto*, o primeiro que atravessou este céu azul, que por sinal estava um tanto plumbio.

A maquina é de primeira ordem. Foi escolhida em Paris pelo sr. dr. Cisneiros Ferreira, que, apesar de não ser aviador, mostrou estar a par dos progressos da aviação.

O aeroplano *Farman Maurice* é da marca escolhida para o exercito italiano, que, parece, a está experimentando na guerra da Turquia, espiando lá das alturas o campo inimigo, quando não lança as suas bombas sobre os turcos, enquanto a Conferencia da Paz não profere a sentença condenatoria destes couraçados aereos, ou as tempestades celestes não inutilizarem completamente a sua ação.

Eu vou pelas tempestades celestes.

CAETANO ALBERTO.



A Repartição de Turismo

Num artigo que ultimamente escrevi sobre o turismo referia-me ligeiramente ás medidas tomadas pelos poderes públicos em prol do desenvolvimento dessa nova industria que, embora já de ha muitos anos fôsse sendo objecto da atenção de alguns raros, sómente, ha bem seis anos, deu os primeiros passos no campo das realisações práticas com a fundação da Sociedade de Propaganda de Portugal.

Se os governos pouco se têm interessado por uma questão de tão grande importância, algum tanto isso se deve attribuir ás perturbações de ordem politica em que nos temos vindo debatendo.

Porque é preciso notar bem que a este respeito não podem ser tomadas medidas eficazes sem que sejam bem ponderadas e reflectidas e obedeçam a um plano sábiamente organizado, afim de que se não venha a cair em erros que redundem em nosso prejuizo e sejam gravâmes para a nossa economia em vez de beneficio seguro, quicá beatificamente esperado.

Sempre que se fala em turismo nos acode à mente, em tropel, tudo o que é necessário para que se possa vir a praticar convenientemente. Não basta que tenhamos magnificas paisagens nem sumptuosos monumentos de brilhantes architecturas, é preciso que haja condições para receber

os visitantes, hotéis, estradas, caminhos de ferro e tudo o que concorre para que um estrangeiro passe entre nós uma temporada agradável sem que possa acoimar-nos de povo rude e pouco civilizado. Isto tem se repetido milhares de vezes. Não se alcançam estradas, nem caminhos de ferro, não se melhora a estética de uma cidade, sem que haja recursos e largos recursos para tal; não se constroem hotéis, nem se desenvolvem as indústrias se não houver o socego indispensável, a confiança dos argentários e consequentemente o acréscimo da actividade comercial.

Sem isto nada se poderá fazer e continuaremos nesta apatia que cria o desánimo nos espíritos e serve de incitamento à nossa indolência nativa.

Por isso, repito, não basta que se legisle em matéria de turismo, é indispensável que se façam acompanhar essas medidas de outras que não aproveitam unicamente ao turismo mas, de muitos modos, ao fomento nacional. Ha aqui a considerar as medidas puramente administrativas, de higiene e policiaes que de modo nenhum se desculpa que não sejam tomadas.

O turismo será um factor de elevada importância no rejuvenescimento do nosso país, até agora dominado exclusivamente pela inércia e outras doenças congéneres que o arrastaram ao estado em que se encontra.

Eu creio firmemente que esse milagre será operado e para isso conto com a tenacidade de alguns raros homens que tomaram a peito o supremo interesse da pátria e que servirão de exemplo que fructificará.

Voltando ao assunto, vemos que sendo impraticável, talvez, de momento, organizar um plano de reformas ou melhoramentos necessários para a profficia prática do turismo, seria, contudo, indispensável haver uma entidade official que pudesse estudar as condições da nossa terra, adaptá-la para o exercicio do turismo e acorrer às necessidades mais instantes de vários ramos dessa industria, para que, vagarosamente, se pudesse ir desenvolvendo até que fosse possível, mais tarde, fortificá-la com tudo o que necessita.

Resultante do congresso que se rializou em Lisboa em maio de 1911, foi criada a Repartição de Turismo, visando precisamente estes fins.

Tive occasião de visitar essa dependência do Ministério do Fomento e dessa visita colhi uma impressão de veras agradável não só pela captivante amabilidade com que me receberam os seus dirigentes, mas também pela regularidade, a ordem e o accio que ali se notam, o que não é muito vulgar nas nossas repartições publicas.

As funcções que competem á repartição são, resumidamente, o estudo do país na parte applicavel ao turismo e no ponto de vista das ligações internacionais e maritimas, as condições de transporte, circulação e hospedagem, de comodidade e higiene, as facilidades aduaneiras, a propaganda no país e especialmente no estrangeiro e as relações com as repartições, associações e sindicatos similares nacionais e estrangeiros.

Com um escasso ano de existência parece-me que não se pôde esperar do principal órgão do turismo o que muitos dos nossos compatriotas esperam dêsse mesmo turismo, isto é, que de um momento para o outro transforme radicalmente a nossa vida económica, com a mesma facilidade com que Frégoli se transformava.

E, no entanto, eu considero os trabalhos rializados pela Repartição de Turismo como um excelente começo em que se tenha empregado muito boa vontade e dedicação.

O relatório apresentado pelo sr. dr. José de Atalfe, director da Repartição, ao conselho de Turismo, é como que a introdução aos futuros trabalhos.

É um documento elaborado com muito critério e sagacidade.

Néle se apreciam as causas gerais do turismo e se analisam detalhadamente vários dos seus motivos. Fica-se conhecendo a orientação dêsse organismo autónomo e por aí se pôde bem avaliar a importância magna que representará numa época não muito afastada, considerando-o como centro do turismo em Portugal.

É o relatório de dez mezes de trabalho em que a repartição empregou toda a sua actividade e de outro modo se não pôde supôr vendo os melhoramentos obtidos em diversos ramos dos serviços públicos que se relacionam directamente com o turismo tais como a melhoria de varios serviços alfandegários, modificações nos horários das linhas internacionais, signalos distintivos nas policiaes que falam linguas estrangeiras, estudos sobre melhoramentos no país e muitos outros que vêm descritos no interessante relatório e que são do dominio público.

Ha a citar também o questionário enviado às

camaras municipaes e aos estabelecimentos termaes, com o fim de obter um cadastro dos motivos de turismo existentes no país.

A este questionário responderam unicamente 56 camaras municipaes. As outras não responderam certamente porque lhes faltava o tempo que os negócios do município lhe ocupavam.

Refere-se especialmente o illustre director à importância que os *sports* têm no turismo e faz resaltar a utilidade do seu desenvolvimento.

Alude ao facto de não haver em Portugal um *golf link*, o que por certo atrairia grande número de ingleses que apreciam muito este jôgo.

Mais tarde este senhôr disse-me que na cêrca da Casa Pia, em Belém, se ia formar um *golf link* em condições muito favoraveis para a prática dêsse jôgo, de tal modo que tinha merecido os encômios de um diplomata estrangeiro que prometeu interessar os amadores de *golf* ao seu país pelo nosso campo.

Por aqui se vê que não foi improfficia a criação da Repartição de Turismo que conta apênas com uma verba orçamental de uns miseros três contos de réis.

Apezar da sua dotação exígua vae distribuir uma publicação profusamente illustrada, escrita em inglês, pela Inglaterra e América do Norte.

Além dos serviços que lhe são incumbidos pela sua lei orgânica têm os distintos funcionários desta repartição empregado a sua atenção em tudo o que se relaciona com o turismo.

O secretário, sr. Alfredo Guimarães, tem feito várias viagens pelo país, principalmente com o fim de organizar uma exposição de productos regionais. Conta já com inumeras adesões e espera levar a cabo essa importante obra. Falou-me de uma nova industria que se começa a desenvolver na Granja, a encantadôra pequena praia do norte: a imitação de faianças antigas.

De próximo de Coimbra me mostrou também uns palitos artisticamente trabalhados e de curiosos ornatos.

Ocupa essa industria grande número de operários e destinam-se os seus productos a serem vendidos a bordo e como recordação de Portugal. Pela perfeição e originalidade não têm similares.

Contou-me este senhôr que num convento do Alemtejo muito visitado por estrangeiros, estava ha muito tempo encerrado um doido que não vinha para Lisboa pelo facto de se dizer que não havia logar no Manicómio. Logo que a Repartição soube do facto officiou ao Ministro do Interior pedindo providências, visto que o doido importunava com os seus gritos os visitantes. Imediatamente foi removido para Lisboa. Fez o turismo o que o devêr da humanidade não tinha feito.

Resumindo, posso afirmar que a criação dêsse organismo respondeu às necessidades instantes e que demandavam immediata resolução das importantes questões do turismo.

Será preciso também que da parte dos governos se comece a manifestar um pouco de interesse por estes assuntos.

A Repartição com a verba de que dispõe quasi nada poderá fazer. É mistér que se promulguem certas medidas que hão-de produzir os fundos indispensaveis para que ela possa accionar.

As futuras receitas que lhe são indicadas comprehendem a taxa de turismo, licenças, entradas em museus e principalmente a regulamentação do jôgo.

Esta medida impõe-se porque dêsse modo acabar-se-ia com o imoralissimo estado actual, em que se joga ou não se joga conforme o sabôr ou a conveniencia dos governantes.

Que a mim quer-me parecer que se joga sempre.

Veja se o estado desoladôr das nossas praias na presente estação. É assim que se pensa em atrair estrangeiros! Nas nossas praias chamadas elegantes, quem não tiver relações não encontra positivamente em que passar o tempo.

Nêste ligeiro relato pretendo simplesmente tornar conhecido do público o principal órgão de turismo português ao qual todos os outros se devem subordinar afim de produzirem obra harmónica e sistemática e pela unidade de processos conseguirem o que desencontreadamente nunca poderão conseguir.

Mas não basta, pois, que haja um organismo official que desempenhe latas funcções, é preciso que as sociedades e as agremiações interessadas trabalhem e continuem a trabalhar e se não habituem a considerar o Estado *providencia*.

Do mesmo modo os individuos isoladamente. Todos pôdem cooperar nessa obra de resurgimento.

O resultado dêsse esforço pôde ser apreciado

na obra benemerita da Propaganda de Portugal. Sem ela nada se teria rializado.

Tem agora logar a iniciativa particular que com perseverança, sem desalentos, dará forte impulso a este movimento que se pôde classificar de patriótico.

A. DE MELLO E NIZA.



Confrontos Historicos

Bosquejo

(Continuado do n.º 1211)

Emquanto se davam os acontecimentos referidos, preliminares de outros ainda mais terriveis, que se lhe seguirão, embarcava, no Rio de Janeiro, com destino a Vienna de Austria, a prometida noiva de D. Miguel, acompanhada do marquês de Barbacena.

Vinha a futura rainha constitucional completar sua educação naquela côrte, mas o marquês de Barbacena constando-lhe que D. Miguel havia revogado a Constituição, resolveu seguir para Londres com a filha de D. Pedro, onde a côrte inglesa a acolheu muito bem assim como o povo; entretanto o governo *tory* conservou-se neutral, não reconhecendo D. Miguel como rei de Portugal nem apoiando os liberaes.

A França mantinha também a mesma attitude e só o governo de Fernando VII de Espanha reconhecia, em 1830, o governo de D. Miguel, quando as perseguições e atrocidades haviam chegado ao extremo na terra portugueza, onde os cadafalsos se conservavam permanentemente armados e por todo o país as prisões estavam cheias, elevando-se o numero de presos — como se lê num jornal inglês do tempo — a 26:270 pessoas de ambos os sexos.

Por esta amostra se pôde calcular qual a desgraçada situação em que nos encontravamos quando o governo de Espanha reconhecia o rei absoluto de Portugal.

E como haviam as potencias de o reconhecer, se nem os estrangeiros eram respeitados, o que levou os governos tanto de Inglaterra como de França a enviarem reclamações formaes ao governo portuguez, que bastante o humilharam, primeiro perante a Inglaterra a quem D. Miguel satisfez todas as exigencias, esperando assim que esta antiga aliada lhe desse força para reagir contra as reclamações da França; mas não tardou o desengano, porque o rei Luis Filipe mandou ao Tejo uma esquadra do comando do almirante Roussin, que apresou oito navios e impoz a D. Miguel um tratado pelo qual ficava o governo obrigado a satisfazer todas as exigencias da França!...

Nada de mais humilhante, mas a obcecação dos absolutistas era ainda maior, pois, coisa singular que dá bem a medida do desvairamento do povo.

Quando a esquadra franceza entrou no Tejo, foi grande o alvoroço da cidade, mas esse alvoroço não levou o povo a pegar em armas para a defender, antes a exacerbar se contra aqueles de seus irmãos, que julgava liberaes, sobre que descarregou suas iras, pondo-se os caceteiros em campo, espancando e matando cegamente, como se os liberaes é que tivessem provocado aquele acto de força de um governo estrangeiro, que aliaz mais não fazia que desagrar os seus subditos dos enxovalhos e afrontas sofridas no país em que eram hospedes.

Se os estrangeiros não eram respeitados, como o seriam os nacionaes!

Era vêr crear por todo o país alçadas ou tribunaes *ad-hoc* para julgarem os indiciados ou acusados de aliciarem gente contra o governo do rei absoluto, ou pessoas suspeitas de serem liberaes, em processo sumario e a serem sentenciados «sem sujeição de formalidades judiciais de que se tornam indignos réus de tão execrandos crimes», devendo as sentenças ser «irremissivelmente executadas nas vinte e quatro horas, que se seguissem áquela em que houvessem sido dadas».

Por esta e por outras fórmias foram confiscados para a corôa os bens de oitenta e duas mil familias; condenadas a degredo mil e seiscentas pessoas; e executadas na força trinta e nove. Homiziadas, cinco mil pessoas e trêze mil e setecentas haviam emigrado.

Eram os *malhados*, que o povo assim chamava aos liberaes por despreso, em razão de serem

malhadas nmas mulas da carruagem em que D. Miguel ia de jornada, e se haviam espantado, pondo em perigo a vida do rei. Desde então ficou sendo esta a designação dos liberaes, epiteto que valia a previa condenação do desgraçado a que se applicasse, pois chamar *malhado* a alguém, ou qualquer garoto marcar-lhe nas costas um M com giz, era o mesmo que entregar esse alguém á sanha e furia popular, leval-a á cadeia e quantas vezes ao cadafalso.

Os primeiros que na força pagaram com a vida as suas ideias liberaes foram os que, no Porto, tentaram revoltar-se contra um tal governo. O brigadeiro Moreira quiz levantar a brigada de marinha, em 9 de janeiro de 1829 mas o plano falhou, porque só no dia seguinte é que a guarnição da nau *D. João VI* se revoltou, sem resultado, sendo logo presos os cabeças do movimento, vindo a ser enforcados no Caes do Sodré, em Lisboa, a 6 de março o brigadeiro Moreira, Ferreira Braga, Scarnichia, Barreiros e Pereira de Chaby. No dia seguinte, no Porto, foram enforcados, como implicados na revolução de 18 de maio, depois de quasi um ano presos, os tenentes coronéis Fonseca Lobo e Medeiros de Vasconcelos, Silveira de Carvalho, o desembargador Gravito, o advogado Nogueira, Silva Barros, Soares de Freitas, Martiniano da Fonseca e o capitão Pinheiro.

Em Vila Viçosa a população assassinava setenta presos, quando eram conduzidos para a prisão, e isto se praticava impunemente, sem que as autoridades ou a força armada impedissem estas e outras atrocidades.

E' justo dizer que nem todos os ministros do governo de D. Miguel aprovavam estes excessos, mas cediam á pressão do partido do Terror sob a influencia do tirano conde de Basto, que corria parellas com o barbaro governador da torre de S. Julião da Barra, Teles Jordão, nos cruéis tratos que dava aos presos, que enchiam as casas matas daquela fortaleza. A desumanidade, o escarneo deste homem para com os presos chegava ao ponto de sujar a comida destinada a estes, mechendo-a nos caldeirões, á sua vista, com a ponteira do bastão que previamente havia sujado nas imundicies!

(Continua.)

C. ALBERTO.



Lisboa Moderna

Palacio do sr. Candido Sotto Maior

Quem tenha sahido de Lisboa ha trinta para quarenta anos, e volte agora á velha cidade de marmore e de granito, difficilmente a reconhecerá, tão grande é o seu desenvolvimento, estendendo-se, prin-



GRANDE HOTEL DO BUSSACO — UM ASPETO EXTERIOR

cipalmente, para o norte e para o oeste, em estensas e largas avenidas, que formam, por assim dizer, novos bairros alargando os antigos, o que constitue uma nova cidade acrescentada á

vísitas, todas de muito gosto e riqueza.

Tambem colaboraram nesta obra o escultor sr. Jorge Neto, autor das cariátides da fachada principal e o pintor sr. Domingos Pinto que fez

as pinturas do vestibulo principal e do escritório.

Outros artistas decoradores enriqueceram este palacio com obras de valor, mas de que não sabemos os nomes.

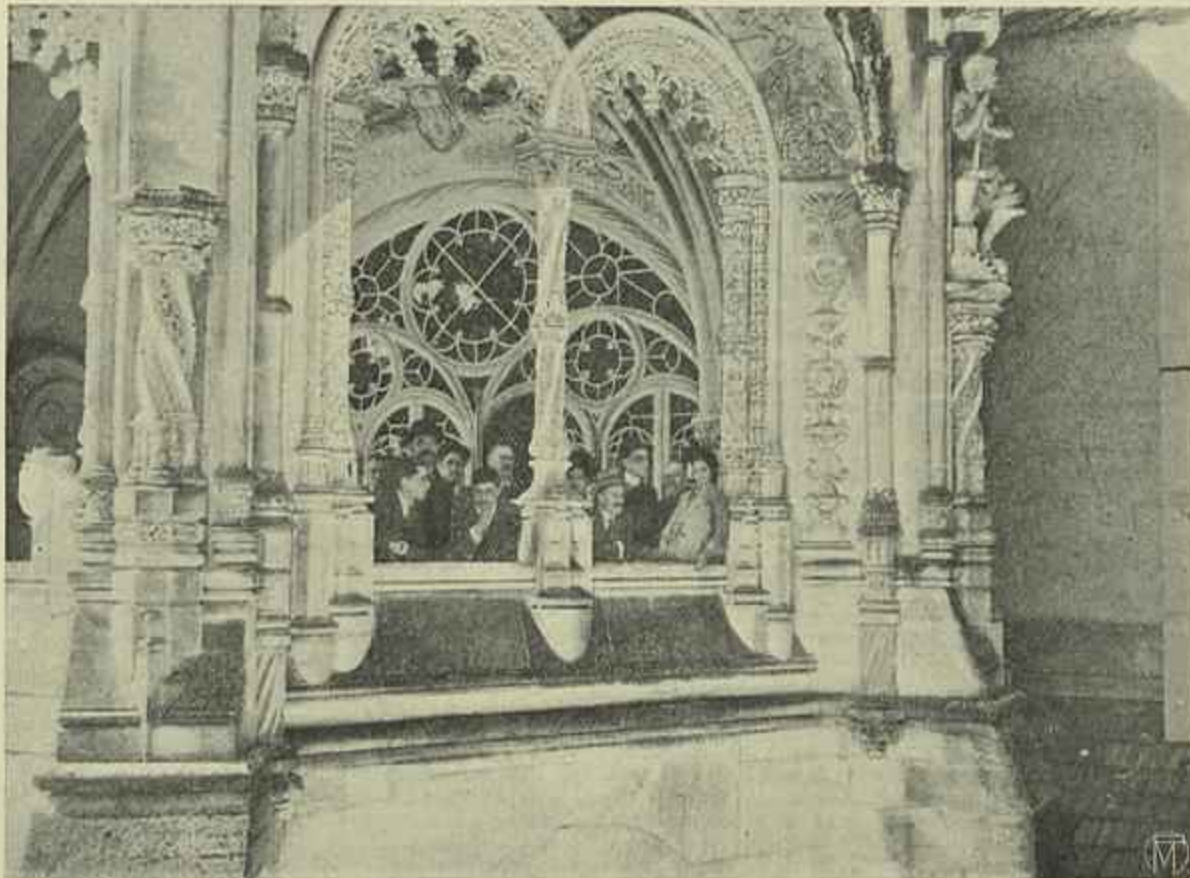
O sr. Sotto Maior deu provas do seu bom gosto, mandando construir um dos mais belos edificios da Lisboa moderna.



A incognita de Azurara

Inspira particular interesse a trilogia romantica em Portugal.

Em três homens eminentes, se condensa a alta mentalidade literaria do seculo findo, embora outros vultos de distinta envergadura se destaquem



GRANDE HOTEL DO BUSSACO — UMA DAS JANELLAS (veja Cronica Occidental)

(Fotografia do sr. Avelino Barros, cliché da «Mala da Europa»)

LISBOA MODERNA



O PALACIO DO SR. CANDIDO SOTTO MAIOR, NA AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELLO
Arquiteto sr. Ezequiel Bandeira.

valiosos. Grangeiam, em nome de um grande principio de justiça, o mais alto conceito e os seus nomes, em letras de ouro, ficarão eternamente gravados nos fastos das glórias portuguesas. Distinguem-se pela indole e pela orientação e, d'aqui, as feições diversas que revestem; mas, concertando-se em esplêndido conjunto, afirmam a integra harmonia da alma de um povo.

Filosofia, romance e poesia; austeridade, galantaria e mimo, eis as três faces desse cristalino prisma, através do qual o espirito nacional se define, decompôndo-se nas suas côres.

O povo português, ora guerreiro ora amoroso, bravo e heroico nas lutas, como terno e apaixonado no sentimentalismo, encontra, no feitiço severo de Herculano, como na fibra afectiva de Garret e Castilho a sua representação fidelissima

Nos escritos do solitario de Vale-de Lobos, sente-se o choque das armaduras, o golpe do montante e os gritos de guerra, como nas produções do autor do *Romanceiro*, se pintam os quadros da natureza bela e nos versos do cego trovador, se escutam os amores do coração enamorado.

São, na realidade, astros de primeira grandeza que, compreendendo o espirito do seu tempo, encarnam a evolução literaria e politica, reproduzindo, no seu país, o papel de Victor Hugo e Lamartine em França, de Byron e Walter Scott na Inglaterra, de Goethe e Schiler na Alemanha, de Espronceda e Ribas na Hespanha e de Manzoni e Pelico na Italia.

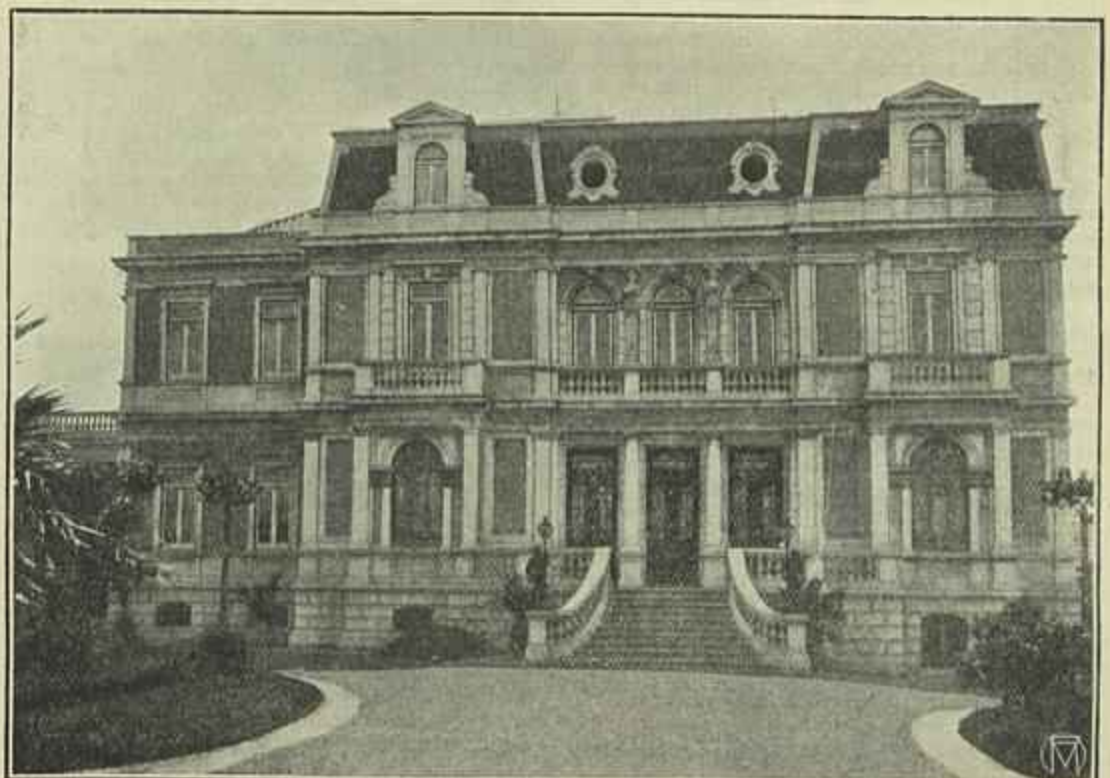
No entanto, não é do valôr social de tão distinctos personagens, de que nos vamos occupar. A sua crítica está feita e nós não teriamos valôr para tão alta empresa. Não nos occuparemos, tambem, de quaisquer particularidades de cada um deles, seria, por certo, assunto vasto para que, tambem, nos escasseiam elementos. Cingir-nos-emos, apenas, a um incidente da vida de Castilho, desse espirito de eleição que não só teve um cerebro privilegiado, como um coração adoravel, dessa pobre criança que, perdendo a vista aos seis anos, assim foi lançada viva, como ele diz, nas trevas do sepulcro, brutalmente arrancado, pelo destino, ao

gôzo e compreensão da natureza que o rodeia com os seus encantos mas que ele só pôde ver com os olhos d'alma. No entanto, que admiravel intuição! Como ele nos pinta o azul dos céus, a luz do sol, a scintilação da estrela, a vastidão do oceano, o verde da campina, o colorido da flôr, como se fôsse o melhor dos videntes!

Como faz os seus estudos, toma gráu universitário, enriquece o seu espirito com vastissima erudição, lê como poucos e escreve como raros! E, como, finalmente, (é este o nosso assunto) se lhe depara a mulher querida, bela de inteligencia e de sentimento, que deveria ser a sua com-

panheira dedicadissima, a luz dos seus olhos, a pena da sua mão, substituindo, assim, junto do bom céguinho, um providencial irmão que, com acrisolado amor, mais que fraterno, foi, sempre, o seu guia na escura juventude, o preceptor inteligente, o conselheiro desinteressado.

Tinha, Castilho publicado as *Cartas de Eco e Narciso*, poema epistolar de um lirismo encantador em que descreve a paixão ardentissima da ninfa Eco, declarando-se ao pastor Narciso e a indiferença e insensibilidade deste que lhe rejeita esse amor tão puro e veemente. São esplendidas cartas, primorosamente traçadas, fazendo vibrar



O PALACIO DO SR. CANDIDO SOTTO MAIOR, VISTO DO LADO DO POENTE

ora terna, ora impetuosamente as fibras mais íntimas e delicadas do coração humano.

Lembra-se o leitor das *Cartas da Religiosa de Beja*?

E' um drama da mesma natureza embora em mui diversas condições.

Lá, é a historia; aqui, é a fabula e com um fim mais poetico, convertendo-se a ninfa em penedia e o Narciso em flôr, mas, na essencia, na elaboração organica, na vibração do sentimento, é a mesma cousa: — uma pagina íntima da unica emoção d'alma — o amor —. E' ele tudo e, em tudo, se revela. Do berço á campa, que é a vida senão um poema de amor!

Esse poema será a delicadeza do lirismo, a imponencia da epopêa ou o rasgo do drama, mas, sempre, o mesmo tema, o eterno tema: — o pulsar do coração para um fim a que se aspire.

As *Cartas de Eco a Narciso* fizeram época e a sua fama, dilatando-se, lá foi ás solidões do Douro, dessa fértil provincia, beijada pelo mar, coberta de verdes planicies, onde, pelas vizinhanças do Ave, romantica e scismadora donzela se deixou repassar pelos effluvis ebebrantes de tão sentimentais epistolas, lendo-as, meditando as... D'al, a simpatia, a admiração, o amor, enfim, pelo genial autor de tão preciosos mimos

E, vencendo escrúpulos de frios convencionalismos, toma, trémula e febrilmente, a pena e escreve a Castilho, ao seu espirital Castilho:

«Azurara, Correio de Vila do Conde,
27 de setembro de 1824.»

«Amar o mar o mais perfeito é um dever.
«Virtudes tantas devem ser amadas.

«Se vos apparecesse uma Eco, imitarieis vós o vosso Narciso?»

«A desconhecida

Maria da Expectação Silva e Carvalho.»



Estava lançado o rastilho, foi-se preparando o incendio.

Castilho recitava, com seu irmão Augusto, uma elegia de Tibulo, quando recebeu, em Coimbra, a misteriosa carta. Intrigado, entre tímido e resolutivo, crédulo e descrente, ora vendo, na extraordinaria missiva, um mero gracejo, ora um coração que se lhe abria, responde, o poeta, logo no primeiro correio:

«Que não ousava muito acreditar em aparições de Ecos a quem não fosse Narciso, mas, se por milagre, houvesse uma, nunca seria tão insensato como o pastor da sua fabula.»

Como seria a réplica? Aguardou a ancioso. Pareciam horas, os minutos. Chegou enfim.

A mesma letra, a mesma assinatura, mas respirando confiança; caligrafia mais firme e uns traços de liberdade que despontava, mercê do favoravel acolhimento.

Por delicadeza respeitosa, o vate requestado abstem-se de nos expôr, literalmente, na historia dos seus amôres, esta segunda carta, mas revela a sua substancia que consiste numa doce censura pela injustiça de êle considerar o sexo amavel, só acessível a encantos de Narcisos, quando, com tão sensato motivo, esse sexo, se impressiona com dotes morais, como aquêles que adornam o inspirado autôr das *Cartas de Eco*, a ponto de merecer que uma mulher o procurasse, para compôr a felicidade dêle e, pela dêle, a sua propria.

Quem ha que, dotado de verdadeira delicadeza moral, não compreenda, não sinta o que se passava no coração destes dois amantes em espirito?

Ela, idealizando uma intelligencia superior, uma sensibilidade delicadissima, um poeta cheio de inspiração e de amor! Ele, uma mulher meiga e carinhosa, finamente educada, alma repleta dos mais nobres e puros sentimentos!

Que iullo! Que pensares de ternura e que sonhos de prazer! O poeta, pela sua parte, bem o declara, ainda que sombras de desconfiança lhe toldem o céu limpo e sereno da sua ventura. Vejamos:

«A' incognita de Azurara

«Ardo, morro de amor por uma ausente,
incognita, gentil, fagueira e bela;
seja embora loucura, ardo por ela,
e, de morrer por ela, estou contente.

Que é virtuosa, candida, inocente,
que inveja Palas a sciencia dela,

que para me encantar só se desvela,
creio-o por fé, mas creio firmemente.

Quando, quando virás, formoso dia,
em que ela toda minha, e eu dela inteiro,
cada qual saiba enfim por quem morria!

Mas se o Fado e se o aligero frêcheiro
em lugar de Raquel, me arrumam Lia
ou em lugar de Lia... algum brêgeiro!...»

Tranquillisa-te, homem receoso, hesitante. Poderias, certamente, ser victima de um lôgro, de um gracejo de mau gosto. Mas, não, tiveste a fortuna de encontrar, logo, no caminho dos teus poucos anos, o ente querido, esse que o Destino preparára para ser o teu anjo de paz e que, de baixo das suas azas candidas, te guardaria até a morte. A tua boa fé não foi tanta que acreditasses, como ingenua criança, em quem vinha, tão espontanea e singularmente, lançar-se em teus braços.

Tiveste razão. O mundo é uma cilada. Todavia, quem era a incognita de Azurara, onde se ocultava essa fada que, com a sua varinha, tinha encantado o jovem Castilho?

Era naturalissima, a curiosidade. Forçoso, era, mesmo, desvendar o misterio.

Indagou-se e chegou-se ao conhecimento de que a correspondencia, de Azurara, era levada para D. Maria Isabel Baêna Coimbra Portugal, educanda do proximo convento de S. Salvador do Vairão, senhora da ilustre familia dos Sanches de Baêna, tendo, como ascendentes, três glorias literarias: Antonio Ferreira, Marquês de Alorna e Nicolau Tolentino.

Estava revelada, a desconhecida de Azurara, Maria da Expectação Silva e Carvalho, a heroína do romance e, na verdade, . . . distinta heroína.

(Continua).

DAMASCENO NUNES.



Fráude inaudita!

(Concluido do numero 1214)

Em seguida, assumiu o seu lugar no barco, e aliviando a bflis com resmungar ante a estupidez do mareante, mandou remar para o cáis, onde deixára Legrand, que ficou admirado ao ver outro individuo a par do companheiro.

Sir Tómas fartava-se de dar puxões ao bigode, nervoso, e, assim que Legrand entrou para o barco, disse:

— Passo a apresentá-los — O senhor Legrand — o senhor . . . senhor . . . Smith.

Bergstein, que parecia estar muito mais senhor de si, que o seu protetor, retribuiu o cumprimento, algum tanto apurado, de Legrand, que se julgou como que agravado, perante aquela admissão inopinada de um adventicio, que de modo nenhum parecia achar-se em pé de intimidade com o amigo.

O breve trajecto até o iáte passou quasi em silêncio; e quando, ao atracar á *Bujiganga*, sir Tómas viu a mãe e a linda irman acudirem risonhas a recebê-los, reconheceu, de súbito e pela vez primeira, a desagradavel tarefa que se havia imposto. Tinha que apresentar o quidam tanto á mãe como á Délia.

O bocado era máu de roer, mas sir Tómas, com os dentes cerrados, deu conta da empreitada.

— Mister Smith, consinta que o apresente a lady Márney, minha mãe, e a minha irmã, miss Délia.

Mister Smith deu visos de se atrapalhar algum tanto ao ver-se apresentado, assim, de súbito, ás duas senhoras, e Délia pôs-se a olhar para o irmão, perplexa, um quasi nada. Este, contudo, não deu mais explicações além de declarar á mãe, que mister Smith desejava alcançar Harwich, de manhan, se o vento o consentisse; e conquanto a informação fôsse recebida com surpresa, por parte de lady Márney, com arrelia, por Legrand, e com o que quer que era muito parecido com suato, por parte da joven beldade, não veio a lume o menor comentario, indicativo das diversas impressões, suscitadas pela noticia.

Mister Smith, sem embargo, patenteou-se uma pessoa tão modesta, tão amável, aceitou a esqui-pática situação com tanto tacto, e manifestou-se grato, a tal ponto, sempre que encontrou ensêjo de trocar uma palavrinha, sem que o ouvisse o seu protetor, que, ao outro dia, de manhan, ha-

vendo pernoitado a bordo, dir-se-ia estar em sua casa, com extremo agrado dos restantes, assustando, porém, e não pouco, o nosso baronêto, e pondo fóra dos eixos a Legrand, que era um homem egoista, ciôso por ver que não era o único hóspede.

Infelizmente, nem um nem outro tinham pé para considerar o intruso como pessoa intrometida, a quem se pudesse pôr no seu lugar, ou dar de mão. Em vez de um homem impondo a própria pessoa, tal como era de esperar, naturalmente, de um furavidas fraudulento, *mister Smith* era bem educado, e tão espirotooso e agradável, que se tornava evidente o irem os sentimentos das senhoras para com o hóspede inopinado muito além dos limites da tolerancia.

Havia pouco vento, e o iáte levou muito tempo a chegar a Harwich. Neste ensejo, infelizmente, levando já dois dias de viagem, deram de rosto com uma série de dificuldades.

Passou rente com eles um iáte, a vapor, de grande lotação, a *Yolanda*, e quasi que instantaneamente, virou de bordo e pôs-se a dar-lhes caça.

Mister Smith perdeu um tanto a côr do rosto e pôs-se a torcer o bigode, nervoso. A sir Tómas palpitou-lhe que havia novidade.

— De que se trata? indagou, aproveitando o lance afim de falar de parte com o hóspede, de quem estava ancioso por se ver livre.

E' que vão a bordo, replicou o foragido, ancioso, de olhos fitos no iáte, individuos que me conhecem.

Sir Tómas olhou com arrogancia para a guapa embarcação.

— Deveras? exclamou — Efeito da imaginação, da sua parte, talvez. Pertence a um sujeito, que reside daqui muito perto — a própria máquina de fazer dinheiro — o Beale, dôno da *Folia Beale*. Não conhecerá, suponho eu?

Sabe Deus com que vontade, sir Tómas tinha que admitir a circumstancia de o trôca-tintas escapulido ser um sujeito de quem qualquer esperasse o ter relações de amizade com pessoas de nota.

— Pesa-me ter que dizer que sim, replicou *mister Smith*. — E' filho de um fabricante em grande escala, de Londres, não é verdade?

— O próprio. E dôno de uma quinta com palacete — estatuas — trapalhadas — tudo muito espalhafatôso e a cheirar a rico, feito á pressa.

— E' isso mesmo — Um impavezado, a atirar com o dinheiro á cara do próximo — E o peor, é eu ter a certeza de que a gente do iáte deve de conhecer-me de vista. E depois: . . .

— E então, que tem isso? Atrever-se-ão, quando muito, a olhar espantados para o senhor, e está na sua mão evitar essa contingência.

— Seria exigir muito, sir Tómas, o rogar-lhe que se digne utilizar ainda a minha companhia, durante umas horas, e pôr-me em terra em qualquer outro porto?

Tenho a certeza de que, se acaso me desembarcasse aqui, veria que a noticia da minha presença me havia antecedido, e seria isso a minha perdição.

Sir Tómas, com vontade ou sem ela, visto que tomara a peito a protecção ao foragido, tencionava manter-se firme na sua attitude; como cavalheiro que era, annuiu ao pedido, e singraram outra vez por ali fóra, sem tocar em Harwich.

E todavia, por arrelia da sorte, deu-se idêntico incidente no próximo porto que alcançaram; de modo que o iáte lançou ferro, e *mister Smith* recolheu á camara, enquanto o baronêto e o amigo Legrand desembarcaram, aviaram as suas compras, e voltaram para bordo.

As senhoras não saíram do iáte, contudo, e o mesmo aconteceu em dois ou três portos, até que Legrand principiou a irritar-se, e, tirando-se dos seus cuidados, perguntou, á queima roupa, ao amigo, se estava persuadido de que o tal senhor *Smith* era pessoa decente.

— Que tu, meu velho, podias responder-me: «mete-te lá com a tua vida», proseguiu êle, e que tenho obrigação de aceitar, sem reflexões, a todo e qualquer individuo que te apeteceesse convidar. Mas, deves de concordar que, da tua parte, não me parece, alás, que morras de amor pelo sujeito e lhe prezes demasiado a companhia — e não receio enganar-me, afirmando que tu, ás vezes, estás morrendo, até, por te vêres livre dêle. Outro tanto não direi de tua mãe e de tua irman, a quem se me afigura o êle ter dado no gôto.

Conforme esperara Legrand, sir Tómas manifestou um tal qual sobresalto ao ouvir isto, e respondeu, de golpe:

— Asneira! Toleram-no eis o que é.

— Mas se é só isso, e mais nada, por que é, então, que tu fazes o mesmo?

Sir Tómas franziu o sobr'olho, tartamudiu, e mascou entre dentes uma qualquer interjeição, pouco grata.

— Em que te fundas tu para afirmar — que minha mãe — e minha irman — embeaçaram com êle? gaguejou, por fim.

— Eu te digo, lá quanto a tua mãe, não afirmarei que sim ou que não — mas, tanto êle como tua irman, andam sempre com segredinhos e de galhofa, e, assim que percebem que atentas nêles, é um trocar de olhadelas, como se entre um e outro houvesse camaradagem maçônica. — Que eu, já se vê, não pretendo insinuar...

Sir Tómas, porém, encostado ao parapeito do cais, numa cidadêca da beira mar, bateu o pé, exclamando:

— Não tolero semelhantes abusos!

E, saltando de chofre para um barquinho, sem esperar, até, pela sua lancha, lá foi cortando, a poder de rémo, para o iate.

Era á tardinha, uma deliciosa tarde de agosto, e a *Bugiganga* lá estava, fundeando, á entrada da barra, a scintillar, á luz fulgente do sol no occaso. Sir Tómas, sabendo que os não esperavam, a bórdo, quer a si quer a Legrand, naquelas duas horas mais chegadas, estava a arder de impaciência por alcançar o iate, e verificar como por lá corriam as coisas.

O instinto segredava-lhe, ainda mais incisivamente do que os segredos do amigo, que estava em vespéras de qualquer descobrimento desagradável, cuja importância vagamente adivinhava.

E sem embargo, o proprio presentimento estava áquem daquilo que se lhe antolhou, quando o barquito abordou ao iate, e presenciou uma scena, que poderia figurar lindamente em qualquer pagina de romance, mas que, atentas as circunstancias, representava uma arrelia e um escândalo da mais assustadora especie.

Visto que *mister Smith* estava falando com a Délia, e isto com singular intimativa, a linda cabeçinha da joven inclinada para o sujeito, e os rostos de um e de outro muito chegados; e antes, até, de o baronêto haver podido dar sinal da sua presença, o foragido, a quem êle concedêra tão magnânima protecção, facultando-lhe meio de se furtar á acção da lei, abraçando a menina, pela cintura, e depondo-lhe um beijo nos labios em cereja bical.

Acto-contínuo, o baronêto, mal podendo articular, galgou os degraus do portaló, irrompeu pelo convés, a tremer todo e, rouco de indignação, plantou se frente ao par delinquente.

— Senhor... *senhor Smith*, exclamou; — abusou da minha hospitalidade, atraindo a minha confiança. — O senhor é indigno de auxilio...

Mister Smith endireitou-se, de golpe, confundido, certamente, menos, todavia, do que o devera parecer, ao ver se desmascarado.

Por outro lado, a joven, que emitira um grito, sobresaltada, volvia os olhos espantados, de um para outro, e ao baronêto, o coração como se lhe inflamou, ao pensar na vergonha a que o expunham os atrevidos manejos daquele pandilha.

Mudando de tom rapidamente, e engulindo a quanto intentava dizer-lhe, filou o impostor pelas guélas, vibrando-lhe este vocábulo, unico: «Patife!» Havê-lo-ia despenhado da borda falsa para a agua, a não intervir a irman, que, interpondo-se com um grito, agarrada ao braço do baronêto e assentando a outra mão no ombro do *senhor Smith*, exclamou, com o acento da paixão.

— Escuta o! Escuta o, primeiramente! Tens que escutá-lo — deves de escutá-lo!

— E' um farçante! bramiu sir Tómas.

— E' verdade — ofegou *mister Smith*

— Mas — mas — veja isto.

Sacou de um jornal, um jornal da noite, que era evidente haver mandado comprar, durante a ausencia do dono do iate, e, apontando com o dedo a tremer para umas linhas, logo abaixo do titulo, impeliu sir Tómas a ler estas palavras sorprendentes.

«Captura de David Bergstein. Circunstancias sensacionais da fuga do sobredito.»

O baronêto leu a linha, por duas vezes, depois, ergueu a vista, carrancudo.

— Mas se o não prenderam, ao senhor! rosnou, iracundo.

— Mas prenderam o Bergstein, não obstante — replicou o *senhor Smith*, muito plácido e sereno.

Sir Tómas ficou-se a olhar para êle, um instante; depois, mudando de tom, insistiu.

— Prenderam o Bergstein — e não o prenderam — ao senhor! Mas quem é o senhor, então?

— Eu lhe digo, sir Tómas, receio que nunca me perdõe o não ser o criminoso que represento, e por ser, em vez disso, aquilo que sou, com effeito.



...filou o impostor pelas guélas...

— Mas quem é, pois, com os demonios?

— Sou o Bentley Beale — o filho do tal mercador...

Sir Tómas ficou tão embatucado com a estupefação descoberta, que recuou um ou dois passos, e se encostou á escotilha para se recobrar.

Quando porém se voltou, para desabafar de novo a indignação que o sufocava, em presença do lôgro praticado contra a sua boa fé, verificou, no auge do furor e do desconsólo, que lhe surgiam dois opositores, em vez de um só, e que a irman, suspensa do braço do farçante, estava la-

o induziria a recolhê-lo a bordo do seu iate, circunstancia esta que, por motivos que não precisarei de explicar, representava um céu aberto, para mim, filho de um fabricante.

— Pois ainda se atreve? E tu, Délia, — deixares-te ingodar assim, — em menos de uma semana! rouquejou o iracundo irmão.

E a Délia, a rir, entre nervosa e confiante.

— Ah! Tómas, conheço mister Beale, ha muito mais tempo, declarou a sonsinha, com uma olhadelazinha tímida volvida ao impostor. — Eutabolámos relações, o verão passado, durante a estação de banhos. Mas, já se vê, não servia para nada o declarar-te uma palavra a tal respeito. E's tão cheio de preconceitos — tão atrazado, nessas tuas idéas!

Sir Tómas não respondeu palavra.

A familia de quem a irman fóra hóspeda, no tempo de banhos, era tão nobre como a sua propria, e admitiam no seu gremio o filho do fabricante. Sentiu que o terreno lhe fugia debaixo dos pés. Bentley Beale deu um passo em frente.

— Acredite-me, sir Tómas, se rialmente está agastado contra mim, pe'o facto de o haver iludido, senti-lo ei fundamentalmente, pois lhe afirmo que não se encontrará neste país um só individuo, a não ser o senhor, capaz de cumprir a palavra dada, tão magnânima e briosamente como o senhor o fez.

Deu-se uma pausa. Sir Tómas, ainda irritado, e, não obstante, algo vexado pelos preconceitos que nutrirá contra um homem, cujas maneiras, educação, trato social, e cuja apparencia podiam muito bem emular com as de qualquer individuo distinto, das suas relações.

— Poi sim — mas o acto de fazer côrte a minha irmã... tartamudiu.

— Pois admiras-te de que êle quisesse livrar-me das garras daquele teu hórrido amigo, côr de gema de ovo, Tómas?

— Li... li... livrar te? gaguejou sir Tómas, assomado.

— E' assim mesmo, retorquiu ella, com ousadia. — Prontificáras-te a aliviá-lo das garras da policia, recolhendo-o a bordo do iate. — Muito bem — parou, riu se, e acrescentou a sério:

— *Mister Beale* também dispõe de um iate!

Sir Tómas não disse nada. Não se achava em maré de perdoar, por enquanto. Seguiu por ali fóra, de cabeça emproada, e deixou o impostor e a formosa Délia tratar da sua vida.

Versão do inglês por M. MACEDO.

NECROLOGIA

S. A. a Infanta Maria Tereza, de Espanha

Depressa correu a nova, no dia 23, de ter morrido em Madrid a infanta Maria Tereza.

Era a última irman que restava de S. M. D. Afonso XIII de Espanha, das duas que tinha.

Quando D. Afonso XII faleceu tuberculoso, em 25 de novembro de 1885, deixou duas filhas, Mercedes, princeza das Asturias e a infanta Maria Tereza. Só quatro mezes depois do falecimento daquele monarca, é que nasceu o principe Afonso, actual rei de Hespanha.

A infanta Maria Mercedes, nome da primeira mulher de Afonso XII, casou com o principe Carlos de Bourbon, em 1901, e faleceu em 18 de outubro de 1904.

A infanta Maria Tereza Isabel Eugenia Patrocinio Diega, nasceu em Madrid a 12 de novembro de 1882, e casou com o principe Fernando Maria da Baviera, em 1906.

Deste casamento houve quatro filhos, sendo dois meninos e duas meninas a última das quaes nascera ha poucos dias.

Foi ao levantar-se pela primeira vez da cama depois do parto, que a infanta se sentiu repentinamente desfalecer, morrendo em poucos minutos, segundo parece de uma embolia, paragem de circulação pelo entupimento de uma veia.

Esta morte, como é de calcular, foi uma verdadeira surpresa na côrte espanhola. A rainha Cristina não queria acreditar que a sua ultima filha estivesse morta, o rei Afonso mostrou se profundamente impressionado com a perda da unica irman que lhe restava.



S. A. a INFANTA MARIA TEREZA DE ESPANHA

vada em lágrimas. Bentley Beale prorompeu, de chofre, assim que o baronêto pôs os olhos nêle.

— Conheço que pratiquei um acto de que deverei envergonhar-me, sir Tómas, pretendendo ser um individuo a quem a sua magnanimidade

